

No ritmo das águas: análise do desenvolvimento local no distrito de Pajuçara, São Gonçalo do Amarante- RN¹

Jocyle Ferreira Marinheiro (UFRN/RN)²

Palavras-chaves: Tradição, cultura, turismo gastronômico.

O ensaio que está sendo elaborado parte de um breve recorte de campo da dissertação de mestrado que vem sendo tecida pela presente autora. Por ora, objetivo analisar as vivências, tradições locais de moradores da comunidade Pajuçara no município de São Gonçalo do Amarante/RN — conhecido pela cultura popular e grupos folclóricos — que tem como principal fonte de sustento a pesca artesanal de camarão, sururu e outros crustáceos, pensando também, as tradições que ainda vivem e as transformações na comunidade pesqueira que tem suas memórias desde a cultura do camarão, sendo este, o prato típico mais consumido pelos moradores e também pelos seus visitantes.

Enquanto moradora do município de São Gonçalo do Amarante, cresci ouvindo os romances de Dona Militana, conhecida por ser uma das maiores romanceiras do Brasil, assistindo as apresentações do pastoril, dançando o coco, sempre nos sendo ensinada e incentivada a valorização da cultura popular local. O patamar da igreja matriz é um palco respeitado por todos os brincantes e demais artistas locais. No entanto, o centro de São Gonçalo não é o único solo desses encontros de folguedos. Passando, pois, a refletir sobre como a cultura se movimenta às margens do centro da cidade.

Com o olhar voltado para juventude local que visa reavivar o passado da cultura popular na comunidade, as tradicionais apresentações do teatro sacro e canto dos dramas dos mais velhos, assim como em atividades sociais para a comunidade, reivindicando para eles o papel de preservação da memória e das tradições orais para si, desloco-me para analisar o papel da chegada dos viveiros e as vendas de terras para cultivo e a pecuária atuam na mudança da comunidade em caráter social, econômico e ambiental.

Neste ínterim, desenvolvo um olhar mais direcionado para a rotina de alguns moradores, tanto pescadores, como também, donos dos restaurantes locais, assim como a rotina dos trabalhadores na carcinicultura. Observo a quão simbólica é a relação com a gastronomia da comunidade, repleta de signos ao conhecer seus atores e cenários marcantes, somos inebriados com sabores que inspiram memória, histórias e trajetórias que dão luz ao passado e ao presente de Pajuçara.

A vida na comunidade de Pajuçara é feita das memórias da Cultura do camarão, sendo este, o prato típico mais consumido pelos moradores do povoado na zona rural, como também pelos seus visitantes. O alimento é central para o reconhecimento de Pajuçara como referência gastronômica local. A comunidade tem seus registros na memória dos moradores locais, que datam sua existência desde 1912, a partir da contação de histórias dos mais velhos

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

que mantêm este registro da memória viva. População pequena, as atividades da pesca e do trato dos crustáceos são passadas de geração para geração, além da cultura de canto dos dramas – histórias cantadas pelas senhoras que narram um pouco do passado do povoado que se encontra às margens do cruzamento dos rios Jundiá e Potengi.

A discussão sobre a temática da cultura em sociedade, via de regra, desperta notável interesse para os cientistas sociais, mais precisamente antropólogos e sociólogos nesta perspectiva, pois o conceito de cultura repousa na explicação de determinados comportamentos sociais, ou ainda no estranhamento comportamental de determinados grupos, principalmente, no ano de 2020 em que há enfrentamentos e uma reconfiguração estratégica dos envolvidos diante da pandemia.

Durkheim (1990) procura classificar os agrupamentos sociais, partindo de um contexto capaz de viabilizar uma classificação de distintas tribos, cujo conceito para este autor diz respeito ao totem consistente com representações de animais e / ou plantas enquanto símbolos relevantes de identificação daquelas tribos tidas como primitivas, atestando, particularmente, uma especificação de análise dos diferentes grupos sociais.

Por sua vez, a leitura de cultura apontada no estudo de Getz (2008) a qual mostra haver, dentre outras características de seu campo de pesquisa, a questão do símbolo pautado na luta de galo, ou seja, o seu terreno de exame preconiza um caráter bastante peculiar enquanto a adoção de símbolos identificadores de um agrupamento social.

A possibilidade de dialogar com os moradores, nos direciona a registros da história de Pajuçara que se encontram na memória coletiva de seus habitantes, assim como vemos de perto a importância dos pescadores e da culinária para o sustento diário dos moradores. Cabe aqui ressaltar algumas características da comunidade pesqueira de Pajuçara, que se encontra localizada a 6 km de distância do centro de São Gonçalo do Amarante/RN, na região metropolitana de Natal, fazendo divisa com Macaíba, microrregião que foi território. No entanto, é território do município conhecido por ser “Terra da Cultura Popular” e das margens das águas se movimentam histórias.

A partir das discussões sobre o método de conhecimento situado (Haraway, 1988), condicionou a pensar as histórias e conhecimentos locais da comunidade que são transmitidos de maneira particular, até mesmo encarnada em sua poética realidade, através das experiências do moradores que organizam as narrativas, sejam estas da pesca, as festividades locais, o canto dos dramas e até mesmo suas receitas culinárias expressam como estes se relacionam com a paisagem local, os pescados, o plantio e a gastronomia que são fundamentais para manutenção da identidade coletiva e das práticas culturais.



Fotografia 1: Registro feito pela a autora do estuário



Fotografia 2: Descarte no ambiente de resíduos



Fotografia 3: Registro de viveiro desativado

Neste lugar de beleza e bela paisagem, também encontramos a degradação com os viveiros desativados e o descarte impróprio de resíduos referentes a filetagem do camarão que são deixados diretamente no ambiente, o que propicia uma problemática socioambiental com a contaminação e poluição do estuário que se localiza na comunidade. Nos impulsionando a reflexão sobre como a comunidade tem consciência deste descarte impróprio e como isto afeta a paisagem local.

É possível observar como o gênero performa nesta atividade, dado que as mulheres trabalham na pesca. Na tardinha, as marisqueiras estavam voltando da pesca de sururu. Com as canoas cheias e molhadas, ficaram envergonhadas e não permitiram registro de seus rostos em fotos, pois estavam sujas pelo dia de trabalho que foi muito produtivo.

Além do camarão, o sururu é um molusco pequeno (foto 04) que cresce nas águas e a busca deste molusco pode ser bastante exaustiva. Uma das três mulheres que se encontravam nas margens do mangue disse que se encontrava de férias do trabalho em Natal/ RN, então aproveitou o tempo livre para a pesca: “Eu não trabalho mais com isso aqui não. Trabalho lá em Natal, mas tô de férias. Só pra ajudar a pagar as contas.” O trabalho não acaba aí, elas ainda tinham que limpar o pescado e também a si mesmas.



Fotografia 04: A chegada de mulheres da pesca de sururu

A comida na vivência da comunidade de Pajuçara, assim como a pesca, ganha papel central, pois fala das relações que envolvem os indivíduos que se encontram na narrativa da terra de Pajuçara e seus pratos típicos que são referência: Quem pesca, quem compra, cozinha e quem come. O ato de comer, segundo Benemann (2017) é

[...] uma atividade social em que a natureza comparece e o paladar se apresenta como uma habilidade capaz de gerar prazer e conhecimento, através de uma característica endocorpórea atrelada a um cenário de sentido, a um saber perceptivo intrinsecamente relacionado ao corpo, que deve ser observado, refletido, expresso, compartilhado e conceitualizado para dar conta de todas as suas possibilidades. (Bonemann, 2017. P.16)

Logo, é possível perceber a quão simbólica é a gastronomia da comunidade e repleta de signos. Ao conhecer seus atores e cenários marcantes, somos inebriados com sabores que inspiram memórias, histórias e trajetórias que dão forma a história gastronômica de Pajuçara. Uma dessas histórias é a de seu Virgílio, que por mais de duas horas conversou de forma informal e, principalmente, apaixonada sobre sua Pajuçara e seu papel na cultura gastronômica que a fez reconhecida.

Quando chegamos em Pajuçara, descemos na igreja e logo encontramos três restaurantes: O Deghust, ao lado, o Bar da Rosa e em frente, O rei do Camarão. Não é surpreendente que logo na chegada vejamos o point do turismo e a proximidade não é questionável, visto que, A dona do Deghust é irmã da esposa de seu Virgílio, conhecido como Rei do camarão e Rosa, proprietária do Bar da Rosa, sua comadre.

Pajuçara tem uma estimativa de 3,3 mil moradores e esses três restaurantes são referência no que concerne à gastronomia, sendo estes que promovem o turismo gastronômico, tornando a comunidade conhecida e trazendo visitantes a ela com um interesse em comum: Provar os pratos da culinária local.

“Evidentemente que o turismo de base comunitária resulta de uma demanda direta dos grupos sociais que residem no lugar turístico, e que mantém com este território uma relação cotidiana de dependência e sobrevivência material e simbólica. Assim, não é possível imaginar uma iniciativa de turismo de base comunitária resultante de uma decisão externa, de uma intervenção exógena à realidade e aos modos de vida locais.” (Irving, 2009, p. 112)

Em caráter de pertencimento, o turismo comunitário neste território é construído a partir destes atores que atuam na defesa desta comunidade, enfrentando até mesmo o poder público que usa de sua história como marca registrada, mas não articula nenhum fomento de apoio. Também ao comprar dos pequenos pescadores locais, uma espécie de pacto, combatem a exploração dos donos de viveiros. A pesca é uma atividade econômica tradicional e manter essa comunidade, é manter uma renda para as famílias locais.

Segundo Seu Virgílio, o bar Rei do Camarão foi o primeiro estabelecimento de vendas de alimentos em Pajuçara. Há 39 anos, ele trabalhava como pescador e feirante desde muito novo para ajudar no sustento da família, pois era o filho mais velho. Em um certo dia, resolveu colocar duas mesas na área de casa e assim começou sua jornada como Rei do camarão e a de seu Bar/restaurante que recebe o mesmo nome em homenagem a suas trajetórias.

Apesar das adversidades, seu Virgílio foi o maior incentivador para que seus companheiros também abrissem seus estabelecimentos. Seu Virgílio trabalha junto com sua esposa, Dona Raimunda e seus filhos. Começou vendendo o pescado que trazia da maré, mas hoje compra de outros pescadores, a pesca hoje é só um passatempo. Ele nos diz que compra de seus primos e que é tudo em família.

Sobre o turismo, este se orgulha de que em 39 anos, nunca teve uma briga em seu bar, seu estabelecimento é familiar, ele convida seus clientes à sua casa. Segundo Margarita Barretto (2004),

O relacionamento entre os dois sistemas sociais – o nativo e o turístico – muda à medida que a quantidade de turistas aumenta. Por exemplo, a hospitalidade e a reciprocidade, até o sorriso dos prestadores de serviço, são transformadas em mercadoria, encenadas. (Barretto,2004. P. 137)

No entanto, a relação visitante e visitados no olhar comunitário é de companheirismo, respeito de um para com o outro e quem vai uma vez sempre volta. Enquanto conversava com seu Virgílio, começou o horário de almoço e muitos clientes foram chegando e falando logo com ele, com certo distanciamento devido às medidas de biossegurança, percebo que se não fosse a pandemia teria presenciado muitos abraços e muitos sorrisos sinceros, estes perceptíveis pelos olhares brilhantes que a máscara não conseguiu esconder. Os clientes nem olham o cardápio e pergunto a seu Virgílio qual o prato mais pedido, é carro-chefe de seu restaurante. Ele responde: “O pirão de camarão no leite de coco! Se não tiver, esse povo vai tudo embora.”

Não há competição entre os restaurantes. Em horário de pico, se falta arroz ou se um cliente pede um prato que não tenha no estabelecimento, há total liberdade para pedir emprestado ou indicar a parceira da frente, a comadre Rosa. Tal relação de companheirismo nunca esteve sob ameaça, porém, 2020 trouxe um novo inimigo em comum: A Pandemia do COVID-19. A situação dos bares com o fechamento enfrentou grande risco, e sem nenhum auxílio, pela primeira vez em 39 anos de trabalho, Seu Virgílio pensou em fechar as portas de sua casa e colocar em repouso o personagem “Rei do Camarão”, se aposentar da cozinha que lhe é tão cara.

Sua família não aceitou e assim, com o apoio local, continuam sobrevivendo mesmo com o gás caro, luz cara e sem estratégias de enfrentamento junto ao poder público que tanto se vale da história e da tradição gastronômica da cultura de Pajuçara. Comer e cozinhar ganham sentidos únicos para além das necessidades biológicas, representa a unidade de uma população que narra sua história com orgulho e temperada com esperança.

A temática enfatizada demonstra uma caracterização de representação social, em que atores sociais se personificam em indivíduos capazes de revelar por meio das tradições locais e da memória, leituras críticas da realidade social, onde tal contexto presente no distrito ganha ares de certa notabilidade devido ao cenário social comunitário ainda envolvido pela tradição e o moderno evocando inquietações não desprezíveis e que justificam a escolha desta temática.

Em *A redefinição da ruralidade e das culturas camponesas no processo de globalização* (Barbosa, 2015) discute a partir da tese de Sahlins (1997) sobre a possibilidade de uma indigenização do capitalismo, pensando o papel da cultura e do local como reinvenção no contexto das sociedades camponesas.

No que concerne a isso, as comunidades rurais têm uma temporalidade própria, o cotidiano, a linguagem, as identidades sociais, as relações sociais e de trabalho, todavia com o desenvolvimento urbano (Tinôco, 2008, p. 93), a chegada do agronegócio com a atividade principal a carcinicultura e grande especulação comercial, modificam o território local e a estrutura social, tornando necessária uma transformação no modo de vida.

Dentro desse contexto de mudança, comunidades rurais sofrem com os impactos sociais e ambientais, pois com esses avanços se tornam vulneráveis, à vista das diferentes práticas econômicas e culturais que divergem da organização comunitária. Esses processos são legitimados pelo estado tendo em consideração as vantagens econômicas e as perspectivas da modernidade.

o desenvolvimento tem sido concebido como fonte de salvação da economia, da política e do Estado-Nação, em sendo assim, o sofrimento que por acaso seja infligido a tais povos e populações é considerado, pelos poderes constituídos, em parte justificável e a oposição a esses processos é vista como uma resistência ao futuro e uma perspectiva arraigada ao passado. (Cantarino, 2013, p.6)

As comunidades tradicionais não estão isoladas socialmente, se organizam de forma a interagir e reproduzir práticas culturais e tradições e saberes a partir das experiências e suas

próprias cosmovisões. Ao pensar no desenvolvimento, implica transformações e por sua vez, conflitos que emergem desde um lugar de disputa.

No tocante a comunidade de Pajuçara, de localidade ribeirinha é possível observar que a transição para as atividades econômicas de maior impacto local, modificou a dinâmica local não apenas economicamente, mas também nas tradições locais, relações de trocas e festejos, tradição e modernidade em movimento de confronto, redefinindo as identidades sociais e os sujeitos.

Os conflitos expressam, dessa forma, a resistência das classes populares à tentativa das classes dirigentes em exercer o monopólio da historicidade, com a imposição de seu modo de agir sobre a organização social, sobre suas práticas sociais e culturais. (Viégas, 2009, p.149)

Os sujeitos que compõem os espaços reinventam as estruturas que ali existem, no caso da comunidade ribeirinha, a pesca se torna atividade para complemento de renda e a gastronomia se destaca, mobilizando um fluxo de visitantes/turistas que se deslocam a comunidade unicamente para provar os pratos típicos locais, inaugurando um novo cenário nas tradições culturais. As cores que se destacam aos olhos são um convite para uma boa refeição. Experienciar a culinária local é cultural da comunidade de Pajuçara. Pode ser lida como um rito para quem visita, as imagens ganham vida, comer é também provar de forma simbólica parte da identidade que compõe a comunidade.

À vista disso, a discussão procurou através da memória de personagens moradores da comunidade de Pajuçara, um resgate da cultura e enaltecer sua história, tradição e as trajetórias de seus moradores. Um cardápio rico e delicioso, recheado de contos que, por ora, não chegaram aqui. A relação entre a comida e o imaginário da população é estreita e duradoura, compondo a identidade dos moradores e da própria Pajuçara, sendo a pesca tradicional de crustáceos e a gastronomia, símbolos identificadores da cultura local, tal qual, Gertz (2008) ressalta no início deste trabalho. A família é central para a comunidade, ressoando vozes únicas e relações que a maré parece nunca levar muito longe, enraizadas na pequena comunidade de Pajuçara no interior do município de São Gonçalo do Amarante, num entrelace do passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

- BARRETTO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. *Revista Turismo em Análise*, v. 15, n. 2, p. 133-14.
- BENEMANN, Nicole Weber. *Histórias de cozinha: Uma etnografia gastronômica/ Nicole Weber Benemann; Renata Menasche, orientadora. Pelotas–2017.*
- BARBOSA, Raoni Borges. “A redefinição da ruralidade e das culturas camponesas no processo de globalização” 9, n^o 1 ([s.d.]).
- CAVALCANTI, Maria Laura. “Cultura e Saber do Povo: Uma Perspectiva Antropológica”. In: *Revista Tempo Brasileiro*, out.-dez. – n. 147 – 2001 – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ed. pp. 69-78.
- DURKHEIM, É. Algumas formas primitivas de classificação. In: _____. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1990. Cap. 17, 9^a edição. P. 182-203.
- GERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HARAWAY, Donna. (1988). *Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective*. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, pp. 575-599.
- IRVING, Marta de Azevedo. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. *Inovar é possível?* In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; 2009. P.108-121.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. (2020). “Desenvolvimento e Povos Tradicionais”. In: *Dicionário Temático Desenvolvimento e Questão Social*. 1 ed. São Paulo: ANNABLUME Editora, 2013, v.1, p. 123- 128.
- TINÔCO, Leonardo Bezerra de Melo. “Áreas de transição rural e urbana em São Gonçalo do Amarante: elementos para delimitação no planejamento territorial.” 2008. 159 f.